

O CAPITALISMO E TODAS AS FORÇAS DA REAÇÃO ESTÃO PREPARANDO UMA NOVA GUERRA. SOMENTE O POVO SERA CAPAZ DE EVITAR ESSE NOVO CRIME — CONFRATERNIZANDO ATRAVÉS DE TODAS AS FRONTEIRAS, LUTANDO CONTRA OS ABUTRES E ESTABELECENDO A PAZ UNIVERSAL. SEM A AÇÃO DECISIVA DO PROLETARIADO CAMINHAREMOS PARA A RUINA DA CIVILIZAÇÃO

SÃO PAULO, 24 DE MARÇO DE 1948

ANO 31 — NUM. 14 (Nova fase)

A PLEBE

A opulência é produto do roubo. Se não foi cometido pelo proprietário atual, foi cometido pelos seus antepassados.
SÃO JERONIMO.

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

18 DE MARÇO

Comemoração da Comuna de Paris

POLITICAGEM

Para os que ainda acreditam na eficiência do parlamento como meio de resolver os problemas do povo, o espetáculo dos últimos dias no recinto da Assembléia deve constituir uma lição dolorosa.

Reunidos em nome do povo, elevados ao posto de representantes do povo, escoreando o povo com ordenados de Cr\$ 9.000,00, fora os "extraordinários" diretos e indiretos, nada mais têm feito do que lavar roupa suja e oferecer ao povo o espetáculo ridículo das sessões cheias de política e insultos.

Os jornais andam cheios dessa miséria moral que a Assembléia Legislativa jorra do seu recinto contagiantes: tentativas de suborno, ameaças de morte e perseguições, intervenção federal, negociações, ilibetismo, sujeira.

Para nós, não é surpresa, porque sempre apontamos ao povo a necessidade de acabar com essa farça, com essas assembleias, de onde o povo nada pode esperar, senão leis para o amordacar e escravizar os interesses do regime burguês-capitalista, que só se mantém ainda à custa desses engodos. Mas para os que vão às urnas depositar o voto confiados nas promessas dos representantes, para esses deve servir como experiência desoladora.

Quando mais "democrático" e popular se apresenta o parlamento, mais sujeira e decomposição irradia das suas sessões. Os deputados saídos do povo e que aceitam em nome do povo os lugares para explorar o povo e mantê-lo às conveniências da política sordida dos partidos, não têm nem mesmo a compostura de exploradores.

Livros para a nossa propaganda

Em nosso numero anterior, publicamos uma nota relativa à necessidade da difusão de livros propagadores dos princípios fundamentais do anarquismo, necessidade essa tornada imperiosa pela grande confusão reinante quanto às idéias político-sociais.

Essa é a razão pela qual elementos nossos estão seriamente empenhados na obra de difusão de livros que estudam os problemas relacionados com os princípios que animam o nosso movimento. Nesse sentido, já foram editados aqui três bons livros: "O anarquismo ao alcance de todos", de José Otília, "As idéias absolutistas no socialismo", de Rodolfo Rocker e "Sermões da montanha", de Tomaz da Fonseca, livros esses que foram expostos à venda, nas livrarias de S. Paulo e do Rio de Janeiro. Agora, com o intuito de difundir por toda o Brasil, estamos remetendo exemplares dos mesmos aos companheiros, assim como a simpatizantes e estudiosos da questão social. Aos companheiros de fora reiteramos o apelo para que cooperem conosco no trabalho de propagação dessas obras, expondo-as em livrarias e bancas publicas de vendas de revistas e jornais, além de vendê-las a militantes e simpatizantes.

O GRANDE MOVIMENTO POPULAR — SUFOCADO NO SANGUE DE MILHARES DE MÁRTIRES — FOI UMA GLORIOSA ARRANCADA NA LUTA PELA EMANCIPAÇÃO DO POVO OPRIMIDO

Comemora-se este mês um dos mais empolgantes movimentos da história político-social da humanidade: — a Comuna de Paris.

Ao escrevermos, hoje, sobre esse extraordinário movimento que empolgou o mundo pelas concepções audaciosas que o animaram e pelas atitudes de vários dos personagens que nele tomaram parte, convém folhear o livro do passado e penetrar na poeira dos séculos para compreendermos o sentido profundo das idéias que iluminaram a gesta da Comuna.

Se assim podemos encontrar justificativa para o espírito de sacrifício, a abnegação, o desprendimento pela vida, o heroísmo, a quase loucura de personagens como Luiza Michel, que chegou até nós aureolada pela grandiosidade dos seus atos na prática da solidariedade humana.

OS COMUNEIROS DE CASTELA

Frederica Montseny, em uma conferência, faz menção de um movimento produzido no século XVI em Valência, de caráter profundamente social: os trabalhadores do campo e da cidade, constituídos em agrupações denominadas germanias, pugnavam já pela autonomia dos municípios na sua luta contra os flamengos de Carlos V, da Alemanha e I de Espanha.

Esse movimento, produzido há quatro séculos, era animado já pelo mesmo espírito federalista que mais tarde animou aos comunistas de Paris.

Afogado em sangue, reprimido com a mesma violência e barbarismo com que foi reprimido o movimento da Comuna de Paris, fica, entretanto, germinando e florescendo, o princípio comunista, que entrou na história das lutas sociais com o princípio de liberdade.

Consequência lógica de convulsões passadas, desde a rebelião dos servos da idade média, que, por sua vez, eram reflexos da revolta dos escravos espartaístas à revolta dos camponeses, na Alemanha; desde o movimento social-religioso da Boêmia, à grande revolução francesa, a história de todas as revoluções é animada pela idéia de luta contra as tiranias. O conceito da dignidade humana, que encontra no princípio de liberdade a mais elevada expressão de vida, leva o homem à conquista do porvir, embora os caminhos da sua trajetória fiquem semeados de cadáveres e o sangue empape o chão de todos os povos na sua luta contra o princípio de autoridade.

Os comuneiros de Castela, como os comuneiros de Paris; a epopéia da Grande Revolução Francesa, como os épicos acontecimentos da revolução espanhola, obedecem ao mesmo princípio do determinismo histórico através do qual a humanidade, não em linha reta, porque é uma lei natural a fórmula da ação e reação dos elementos, físicos ou químicos, político-sociais ou morais, mas em espirais por vezes trágicas e sangrentas, marcha para a liberdade.

A revolução francesa constituiu o

primeiro grande movimento de massas com finalidade construtiva. Fruto amadurecido dos conceitos filosóficos e das concepções morais do século da renascença, embrião de todas as ideologias políticas da atualidade, foi a revolução francesa o primeiro passo para a libertação do homem da tutela de todos os feudalismos.

A figura marcial de Napoleão, que surgiu como imperativo categorico do momento, quando tudo era caos, desespero, miséria e desorientação em face da invasão dos exercitos prussianos e austríacos da Santa Aliança formada por todas as monarquias, que viam na revolução francesa o fim do despotismo e o germinar das idéias republicanas, impõe-se pela força das circunstâncias como o homem destinado a salvar a França.

Mas a idéia fecunda dos princípios revolucionários que animaram a grande revolução, germina e irradia a luz da redenção por todo o século XIX. Os movimentos insurreccionais sucedem-se uns nos outros, não só na França, mas na Alemanha, Italia, Espanha e se alastram como fogueiras por toda a Europa.

Em este ambiente insurreccional, por vezes, como não podia deixar de acontecer, aproveitada por avaros e demagogos, se realizou a revolução da Comuna.

A COMUNA DE PARIS

A 28 de janeiro de 1871, anunciada pelo Governo de Defesa Nacional a capitulação de Paris, por força do armistício assinado nessa data com o inimigo, começa para o povo francês, que toca a rebate e se compenetrado do senso de responsabilidade, a era da Comuna.



Luiza Michel — a grande combatente da Comuna de Paris e um dos grandes vultos da luta pela libertação humana

Damos aqui a palavra a Luiza Michel, que narra com entusiasmo esse feito memorável:

"Ao romper da aurora (março de 1871) ouvia-se tocar a rebate; marchávamos a passo de carga, sabendo que íamos ao encontro de poderoso exercito que se alinhava em ordem de batalha.

"Sentiamos-nos como se não pisássemos a terra, porque acreditávamos que íamos morrer pela liberdade. Depois da nossa morte, Paris inteira se levantaria de armas na mão para se defender ou morrer pela causa. Em certas horas, as massas constituem a vanguarda do oceano humano.

"O horizonte estava aureolado por uma suave luz branca, um esplendido amanhecer de libertação.

"De repente, ao meu lado, marchando conosco, vi minha mãe e senti uma angustia espantosa; inquieto tinha vindo; todas as mulheres estavam ali, marchando nas fileiras da liberdade, ao encontro da morte. Mas não era a



Símbolo alegórico das lutas gloriosas da Comuna de Paris

morte que nos esperava lá no alto da colina onde o exercito já dispunha os canhões para juntá-los aos de Bagnolles, tomados durante a noite; era a surpresa de uma vitória popular.

Entre nós e o exercito, as mulheres se lançam sobre os canhões e metralhadoras; os soldados, surpreendidos por este heroísmo, permanecem imóveis.

Enquanto o general Lecomte ordena aos soldados que façam fogo sobre a multidão, um sub-oficial, saindo das fileiras, pára em frente à companhia sob o seu comando e grita, abafando a voz de Lecomte:

"Cultras arriba! Os soldados obedecem. Era Verdaguerre, a quem, sobretudo por esta atitude, se fuzilou em Versalles, meses depois.

A revolução popular estava feita!"

Dias depois, tendo o Comité da Guarda Nacional tomado o poder pela vitória, foi proclamada a Comuna, que durou apenas dois meses, mas que deixou na história das conquistas humanas o fulgor sublime de um idealismo profundo que não se apa-

gará jamais, tais foram os atos de abnegação e desprendimento das vidas humanas que estão ligadas a esse acontecimento histórico.

LUIZA MICHEL

Não é possível falar da Comuna sem que a ela esteja ligado o nome de Luiza Michel, entre tantos e tantos outros igualmente heroicos, como Eliseu Reclus, Pyat, Rigault, Ferré e Maria Fernandez, uma espanhola que, empolgada pelo entusiasmo desse movimento, lutou valentemente pela vitória dos ideais comunistas.

Ao falar de Luiza Michel, não posso furtar-me ao desejo de recomendar a leitura da importante obra biográfica de Irma Boyer — "Luiza Michel" — LA VIERGE ROUGE —, que constitui um documentário interessante sobre a sua vida.

Para se avaliar o caracter desta mulher que vive, com razão, na recordação de todos os idealistas e que é lembrada por todos os rebeldes, vou citar alguns episódios apanhados no acaso entre muitos dos que enchem

(Conclui na 3.ª página)

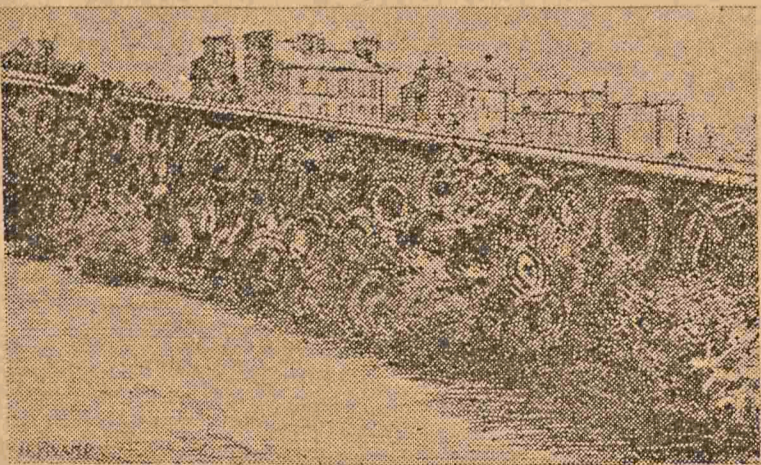
Mais sangue, mais vidas humanas, mais destruição

O Capitalismo Internacional Prepara-se Para Lançar o Mundo em Novas Carnificinas, Porque as Guerras são Pretextos Para Altas Negociatas de Cambio Negro

Ainda não se apagaram as fogueiras da ultima guerra provocada pelo desequilíbrio das competições capitalistas e gerada nos bastidores da politica internacional; ainda estão revolvidos os campos da Europa e da Asia, do Oriente e da Africa, pelo sepultamento dos milhões de vidas humanas sacrificadas em nome da liberdade e da justiça, mas, realmente, imoladas pelo molech insaciavel do capitalismo aos seus apetites e avidez de mando e de poder; não se calaram ainda os gritos de dor e de saudade dos milhões de viúvas, de filhos sem pai, dos milhares e milhares de mutilados que arrastam as carcassas disformes pelas ruas das cidades e que voltaram dos campos de batalha, e já se fala abertamente em nova guerra!

Henry Truman, falando em congressos de homens de igual responsabilidade pelos destinos da humanidade, afirma, friamente, que a nova guerra é inevitavel. E' o processo sempre usado pelos homens que detêm o poder: fazer acreditar que a guerra é um mal necessario, fatal, inevitavel, para que o povo se conforme e aceite a guerra. E' a maneira de se fazerem obedecer pelos soldados que são filhos do povo, mas aos quais se lhe inculca o dever de matar e destruir em nome da pátria! E' a psicologia da guerra, preparada, cultivada pelos armamentistas e regada com o sangue da mocidade de todos os povos, educada para a guerra, anestesiada pelos discursos guerreiros e pelas marchas e hinos patrióticos.

E assim será sempre, enquanto o povo não se resolver acabar com as guerras, acabando com as causas de guerra: o Estado, o militarismo, o clericalismo, trindade sinistra causadora de todos os males e de todas as guerras.



Muro dos Federados, no cemitério Pere Lechaise, em Paris, junto ao qual foram covardemente fuzilados dezenas de milhares de comunistas

Comemoração da Comuna de Paris

(Conclusão da 1.ª página)

as páginas dos livros de varios autores que sobre ela escreveram:

Em 1887, um fanatico atentou contra a sua vida desfechando-lhe alguns tiros de revolver; mas os ferimentos foram leves e Luiza Michel ponde defender esse mesmo individuo contra a multidão que pretendia linchá-lo. Mais tarde, nos tribunais, quando respondia a processo por esse motivo, foi ainda Luiza quem tomou a sua defesa.

Um dia, sentada na trincheira frente ao inimigo — citamos este episodio contado por Irna Boyar — tomava tranquilamente uma chicara de café com um estudante, discutindo sobre Baudelaire. No calor da polêmica não presta a minima atenção à chuva de balas que caíam ao seu redor. Advertida com rispidez pelos seus camaradas, acabava de retirar-se quando uma granada caíra bruscamente no lugar onde estava sentada, fazendo as chicaras em pedaços.

Outra vez, protegida por um refugio, viu que no muro fronteiro um gato miava com desespero enquanto os obuses estouravam ao seu lado. De um salto cruzou a zona perigosa e foi buscar o gato em meio dos gritos de terror dos soldados pertencentes ao seu batalhão.

Interrogada certa vez por um camarada, na trincheira, sobre o efeito que lhe produzia a vida que levavam, Luiza respondeu: "O efeito de ver diante de nós a margem de um rio que precisamos alcançar".

Seria um nunca acabar de citações como estas, que atestam o desprezível da vida e o espirito de sacrificio de Luiza Michel. Esse desprezível culmina no seguinte trecho do seu processo, quando interrogada pelos juizes:

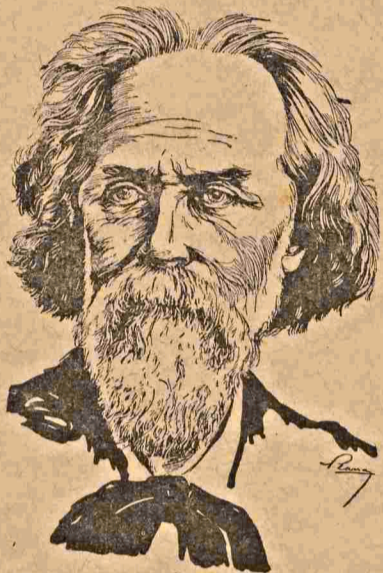
"O que peço de vós, que vos dizeis Conselho de Guerra, que vos intitulaes meus juizes, que não desimulais vosso caracter de comissão de graças, é o campo de Satory (refere-se ao local onde haviam sido fuzilados seus camaradas) onde tombaram meus camaradas. E preciso banir-me da sociedade, diz o promotor. Pois bem! O procurador da Republica tem razão. Visto que todo coração que late pela liberdade só tem direito a um pouco de chumbo, reclamo a minha parte".

Quando aos sentimentos de Luiza Michel basta citar dois factos:

Por estar extremamente doente, tentava fazer uma conferencia num dia intensamente frio, alguns camaradas fizeram-lhe presente de um chale de lã para que se resguardasse e pudesse dar conta do compromisso que havia assumido, de fazer tal conferencia. Qual não foi a sua surpresa ao vê-la entrar na sala das conferencias tremendo de frio, sem o chale! Souberam depois que, no caminho,

da à porta de uma igreja, sem agasalho, e Luiza dera-lhe o chale.

Quando fazia parte, como tesoureira, do Comité da Refugiados russos, do qual era presidente Victor Hugo, a casa de Luiza acorriam, numa contínua peregrinação, inumeros sollicitadores que se qualificavam de refugiados russos, embora não houvessem ido além dos BOULEVARDS de Montmartre e dos BUVETTES do Bairro Latino. E nenhum saíra, por menos russo que fosse, com as mãos vazias. Victor Hugo, que estimava muito a Luiza Michel, achou oportuno exortá-la a ter alguma cautela na distribuição dos socorros, de forma que os verdadeiros proscritos não fossem defraudados pelos russos... de ocasião. Encontrára uma pobre mulher sentada



Elisée Reclus — o grande geografo, cientista e sociologo anarquista, que foi uma das grandes figuras da Comuna de Paris

Luiza, depois de haver escutado atentamente ao poeta de "Os Miseráveis", perguntou-lhe com o fervor transbordante de ingenua piedade: "Posso eu pedir 'à miséria que apresente os seus documentos'?"

Era assim Luiza Michel. Esta mulher, que incarna e reflete os ideais da Comuna, que tanto se distinguia pela sua valentia e heroísmo, foi, e continua a ser um simbolo da revolução.

Nascida de um conflito social, filha da iniquidade da distincção de classes, pois era filha bastarda de um nobre com uma criada do castelo de Vroncourt, a virgem vermelha amou a plebe e sentiu com ela os mais puros entusiasmos revolucionarios.

De uma sensibilidade delicadamente poética, deixou paginas luminosas de pureza e sacrificio. Em toda a sua vida não houve, no que parece, uma

atitude medíocre. Pietro Gori, poeta da anarquia, diz que Luiza Michel encarnava a CHAMA VIVA DA REVOLUÇÃO, O SIMBOLO DA FORÇA MISTERIOSA QUE ABALA O MUNDO E AS SOCIEDADES, A FORÇA INEXORAVEL E BENEFICA QUE DA DESTRUIÇÃO E DA MORTE FAZ GERMINAR A VIDA!

Morreu em Marselha, a 9 de janeiro de 1905, com 64 anos de idade, que foram 64 anos de inquietude.

Foi um facho de luz e de amor pela humanidade que deve servir de guia na trajetória da vida de todos os que trilham o caminho em demanda de uma sociedade livre, onde o individuo possa dar livre curso às suas manifestações de amor e de beleza, sem sentir nos ombros o peso das iniquidades sociais. (*)

SOUZA PASSOS

(*) Luiza Michel escreveu varios livros e deixou esparsos, na colaboração de varios jornais e revistas, muitos trabalhos de valor. Entre os seus livros contam-se — "A Comuna de Paris", "Mundo Novo" e "Memórias".

DECLARAÇÃO DE PRINCIPIOS DA COMUNA DE PARIS

O movimento comunalista do povo de Paris foi tão caluniado, ao ponto de chegar-se a justificar o numero de vítimas, que atingiu a 36.000, que achamos oportuna a publicação, como documento historico, da celebre Declaração de La Commune.

"Reconhecimento e consolidação da Republica e desenvolvimento regular e livre da sociedade. Livre exercício das facultades e aptidões do homem, de cidadão e do trabalhador. A autonomia da Commune, limitada pela autonomia das outras, constituindo, todas, a União Francesa. Direito de votar seu orçamento, fixar e distribuir as contribuições, dirigir os serviços locais, organizar a magistratura, policia e ensino. Administrar os bens publicos nomeando, por meio de eleições e com responsabilidade, aos magistrados e funcionarios municipais. Garantia absoluta da liberdade individual, de consciencia e de trabalho. Intervenção permanente dos cidadãos em todos os negocios da Comuna.

"Paris deseja encontrar nas municipalidades confederadas a realização e pratica de seus principios, reservando-se o direito de fazer as reformas administrativas e economicas que a sua população reclame: criar instituições, desenvolver e propagar a instrução, produção, cambio e crédito, e reivindicar o poder e a propriedade segundo as necessidades do momento, o voto dos interessados e os dados oferecidos pela experiencia".

Por outro lado, "Le Libertaire", órgão da Federação Anarquista Francesa, constitui, através de suas columnas, excelente veiculo de propaganda da C. N. T., porque indica aos trabalhadores o caminho a seguir na via de libertação que prossegue sob a égide da A. I. T. "Le Libertaire" é um órgão semanal dos mais considerados. Sua tiragem ainda que limitada pelas concessões de papel, que está racionado na França, ultrapassa todas as expectativas. Tira 80.000 exemplares e é disputado por todos os trabalhadores anarquistas e sindicalistas revolucionarios.

A tarefa dos militantes da C. N. T. é bastante rude. Por culpa dos politicos de todas as escolas e partidos, que se olvidou que foi o sindicalismo revolucionario, internacionalista e anti-estatal, a substancia benfeitora do movimento proletario francês, aparecendo agora a obra da C. N. T., para as atuais gerações, como algo novo — uma novidade da qual é preciso conhecer o conteúdo, a essencia dos seus objetivos.

Si a C. N. T. se preocupasse apenas em agrupar os trabalhadores ao redor de reivindicações materiais imediatas, apesar dos escassos recursos materiais de que dispõe, lograria, fazendo um pouco de demagogia, milhoes de adherentes. Mas esse objetivo é secundario. Ela tende à formação moral dos trabalhadores e não a constituir-se em organização passiva e inutil. Sem esquecer os interesses economicos dos trabalhadores, luta no plano de ação direta pela revolução social, pela supressão do regime capitalista e do Estado. Si se afastasse deste rumo, que é a sua razão de ser, se converteria, como a C. G. T., em uma organização amorfa, sem impulso, sem dinamismo e sem objetivo revolucionario.

BERNARDO PON

Centro de Cultura Social

O Centro de Cultura Social continua em plena atividade, desenvolvendo a sua proveitosa obra de difusão de conhecimentos de varios ramos da cultura entre os elementos populares.

Tendo conseguido a cessação obsequiosa do salão de reuniões da Associação dos Empregados no Comercio, all vem realizando as suas conferencias semanais, com o concurso de oradores de atividades as mais diversas, como medicos, professores, jornalistas, técnicos, profissionais, proletarios, etc.

As conferencias dos dois ultimos sabados do mês passado foram aproveitados para comemorar o movimento revolucionario popular que convulsão-nou grande parte da Europa em 1848. Foram oradores os companheiros Luca Gabriel e Liberto Reis, que estudaram o grande acontecimento historico em seus varios aspectos, tendo, no final, a participação da assistência, que, como é de habito, pode intervir para formular perguntas ou objecções.

Na conferencia do dia 6 do corrente, falou o jornalista Silveira Peixoto

sobre o cooperativismo, encarando-o sob o seu aspecto social e de utilidade imediata. A assistência teve parte ativa nos debates finais, havendo animada troca de opiniões dentro de um ambiente de franca cordialidade. Antecedeu a conferencia a exhibição de dois filmes apropriados.

No ultimo sabado, a conferencia teve como orador o professor Cândido de Campos que, falando sobre as rosas e sua influencia através dos tempos, demonstrou que, mesmo discorrendo sobre temas aparentemente superficiaes, podem ser ditas coisas assás interessantes sobre os mais sérios problemas humanos.

O salão onde se realizam as conferencias fica à rua Liberto Badaró, 386, iniciando-se às 20 horas, com entrada franca.

Além das conferencias publicas dos sabados, o Centro de Cultura Social reúne todos os seus socios, em assemblies gerais, em sua sede à rua José Bonifacio, 387, todas as segundas-feiras.

VIDA ADMINISTRATIVA DE "A PLEBE"

Publicamos a seguir mais um balancete da parte administrativa de A PLEBE, nele registrando todas as importancias recebidas e as despesas feitas.

Como os amigos do jornal verificarão, esse balancete acusa um deficit bem regular, que deve ser coberto prontamente, pois, de maneira contraria, perturbará o aparecimento do jornal.

Conforme temo dito, A PLEBE vive exclusivamente das contribuições daqueles que sentem necessaria a sua publicação. Não temos as rendas de publicidade paga, de subvenções, que, a bem da dignidade de nosso movimento, não aceitamos e repelimos. Nem nos transformamos em pedintes, à cata de dinheiro aqui e ali. Outros que o façam, mas um jornal anarquista deve viver dignamente, para que possa falar com força moral.

Apressem-se, pois, os companheiros e simpatizantes em remeter as suas contribuições. Aqueles que estão de posse de listas de subscrição devem recolher as cotizações que puderem conseguir e devolvê-las com urgencia. E todos precisam cooperar conosco no trabalho de angariação de assinantes.

O momento exige a publicação de um jornal pelo qual possamos divulgar a palavra do anarquismo neste periodo de transição social. Têm a palavra todos os amigos de A PLEBE.

BALANCETE DOS Ns. 12 E 13

ENTRADAS		
De Contribuições avulsas:	15,00; R. A., 40,00; L. L. S., 100,00; J. P., 75,00. — Total	395,00
	N.º 15, a cargo de M. T.; M. T., 50,00; Risambo, 10,00; Jorge, 10,00; Panzarini, 20,00; D., 10,00; A. P., 5,00; V. P., 5,00; A. L., 5,00; A. P. A., 10,00; J. C., 5,00; M. L., 5,00. — Total	135,00
	N.º 21, a cargo de A. S.; R. M., 100,00; N., 20,00; I. assinatura, 20,00. — Total	140,00
	N.º 22, a cargo de C. D. L.; F. G., 10,00; J. L., 10,00; F. G., 20,00. — Total	40,00
	N.º 50, a cargo de A. C.; M. R., 5,00; A. C., 20,00; M. C., 10,00; L. L., 10,00; J. C., 10,00; I. N., 5,00; P. M., 5,00; L. L. R., 10,00; M. C., 5,00; F. P. C., 10,00; M. M., 10,00; F. C., 5,00; C. N., 5,00. — Total	120,00
	N.º 54, a cargo de E. L. M.; R., 50,00; Z. O., 250,00. — Tot.	300,00
	N.º 13, mensal, a cargo de A. S.; A. S., 50,00; E. P. C., 50,00; A. P., 30,00; N. A., 20,00; C. A., 60,00; G. L., 120,00; G. P., 20,00; B. S., 10,00; A. G., 100,00; F. J., 80,00; J. T., 20,00; L. P., 10,00; S. A., 60,00; P. M., 20,00; E. M., 20,00. — Tot.	670,00
	Total	2.645,00
	De assinaturas:	
	São Paulo: P. M., 50,00; D. P. A. M., C. O. — Total	140,00
	Santos, por int. de J. P.; N. F. ...	30,00
	Pelotas, por int. de P. P. C. A.; M. R. N.; A. M. P. ...	90,00
	Total	260,00
	De venda avulsas:	
	Diversos	52,90
RESUMO DE ENTRADAS		
	De contribuições avulsas	2.112,00
	De listas de subscrições	2.645,00
	De assinaturas	260,00
	De venda avulsas	52,90
	Total	5.069,90
DESPESAS		
	Sêlos do correio	285,00
	Auto para o transporte do jornal	65,00
	Goma-arabica	10,00
	Despacho para o Rio de Janeiro	21,40
	Impressão do n.º 12	2.680,00
	Impressão do n.º 13	2.680,00
	Total	5.741,40
CONFRONTO		
	Despesas	5.741,40
	Entradas	5.069,90
	Deficit	671,50
	Deficit anterior	2.079,80
	Deficit atual	2.751,30
Outras importancias recebidas:		
	Para a compra de livros:	
	R. N.	25,00

A situação do movimento operario na França

ORIGEM DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TRABALHO (C. N. T.)

A C. N. T. é uma secção francesa da Associação Internacional dos Trabalhadores. Foi criada em maio de 1946 por militantes sindicalistas revolucionarios filiados antes dessa data à C. G. T. (Confederação Geral do Trabalho), da qual se separaram porque era de todo impossivel realizar trabalho algum de interesse para os trabalhadores, dentro daquela central reformista, dominada pelos bolchevistas.

Abandonando as fileiras da C. G. T., os elementos revolucionarios tinham em mira manter de pé o espirito revolucionario do sindicalismo francês, procurando congregor os trabalhadores numa organização inspirada na Carta de Berlim, constitutiva da A. I. T., seguindo para isso os moldes da Confederação Geral do Trabalho Sindical Revolucionario, que havia sido fundada em 1924, quando já se tornava impossivel trabalhar seriamente na C. G. T. para defender os interesses do proletariado e preparar os trabalhadores para a ação revolucionaria que deveria conduzi-los à sua emancipação integral. A C. G. T. S. R. desapareceu na tormenta de 1939.

Apesar das dificuldades surgidas ante os ataques sistematicos e conjugados de todos os partidos politicos, dos sindicalistas reformistas e dos chamados comunistas, a C. N. T. representa, no atual momento da França, a esperanza dos trabalhadores conscientes, que teem confiança na sua ação revolucionaria, porque os trabalhadores decididos à ação, livres das influencias partidarias e da nefasta anestesia dos confessorios, buscam um novo caminho e engrossam cada vez mais as suas fileiras.

A situação politica e economica da França, tendo em conta a atual psicologia do proletariado francês, é favoravel ao desenvolvimento de uma confederação do trabalho revolucionaria. O capitalismo é agora mais detestado que nunca como sistema economico. A experiencia da economia dirigida, o fracasso do socialismo politico internacional e do "comunismo" na Russia são outros tantos factores que favorecem a ação anarco-sindicalista. A politica na França, pese embora a fidelidade relativa dos organismos eleitorais, não é tomada a sério e a G. G. T. está totalmente desacreditada. Demonstram-no as abstencões consideráveis nos ultimos pleitos e a indiferença do povo francês, farto já de todos os cambalachos politicos. Isso prova que o futuro pertencerá revolucionariamente à C. N. T.

E' muito dificil precisar o numero exato de elementos aderidos ao novo organismo de luta do proletariado na França. E' notoria, porém, a sua influencia nas regiões de Meio Dia, Toulouse, no oeste, em Bordoex, e no sul, com Marselha, etc. Em uma palavra, por todas as partes se manifesta forte corrente de simpatia, que se estende segundo as atividades desenvolvidas pelos militantes anarquistas.

A título informativo, indicamos que somente na região de Paris os aderentes à C. N. T. sobe a muitos milhares. Na metalurgia constitui já uma força que se equilibra com a de outras minorias. O boletim "C. N. T.", que abre caminho nas fileiras dos bolchevistas, impõe-se dia a dia, e seus artigos são muito apreciados pelo conjunto dos trabalhadores.

PREPARA-SE UMA NOVA LEI SINDICAL. QUALQUER QUE SEJA A SUA ORIENTAÇÃO — NÃO DEIXARA' DE SER UM ENTRAIVE À ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES — QUE DE VE DESENVOLVER-SE LIVRE DAS PEIAS GOVERNAMENTAIS, DO BUROCRATISMO FUNCIONAL E DA INTROMISSÃO POLITICA. URGE A AÇÃO DECISIVA DO PROLETARIADO NO SENTIDO DE LIBERTAR OS SEUS SINDICATOS

A PLEBE

SÃO PAULO, 24 DE MARÇO DE 1948

ANO 31 — NUM. 14 (Neva fase)

Sindicatos de cabrestos

SUJEIÇÃO À PRESSÃO GOVERNAMENTAL E AO BUROCRATISMO

No Brasil, como, aliás, em todos os países de projeção mundial, os governos procuram apoiar-se nos chamados sindicatos ministerialistas, ou sindicatos amarelos, através dos quais, servindo-se dos elementos que fazem parte das diretorias, controlam politicamente as massas trabalhadoras.

das chamadas leis trabalhistas é patrimônio governamental. O que ali está, enfeitado num calhamaço decorativo a que deram o nome de Consolidação das Leis do Trabalho, é fruto das agitações proletárias de caráter revolucionário, isto é, de ação direta, e custou a vida a muitos militantes anarquistas que, fazendo parte dos respectivos sindicatos de seus ramos, se destacaram, pelas suas concepções ideológicas e pela ação que neles desenvolveram como orientadores e assimiladores da vontade popular, nas lutas em prol das reivindicações que agora nos apresentam como dádivas generosas dos governantes.

que se apoia o governo, ficam reduzidos à condição escrava de bateadores de palmas, nas manifestações oficiais ou condutores de disticos encomendados previamente e pagos com o dinheiro do fundo sindical.

Capital e Trabalho

— II —

Fôra demonstrada positiva essa concepção e não haveria sistema social mais humano e perfeito que o capitalista.

da organização social em que se admite, como a ação mais natural do mundo, a exploração do homem pelo homem.

Grupo Teatro Social

Cooperando na obra do Centro de Cultura Social, o Grupo Teatro Social vem promovendo periodicamente festivais com programas ao mesmo tempo recreativos e educativos.

Registrados, vales postais e cheques em nome de Edgard Leuenroth. — Caixa Postal 2162.

veis, de todas as ações imorais que podem renegar a natureza humana, cujo trágico cortejo constitui o espetáculo mais tetricamente fúnebre que o da morte: o da queda da razão.

Peuple de Paris! LOUISE MICHEL EST MORTE! Admirable d'abnegation et d'héroïsme, elle a été une de ces créatures exceptionnelles qui sent l'honneur de l'Humanité.

Proclamação lançada no povo de Paris por ocasião da morte de Luiza Michel

Novas formas de escravidão através do Estado tecnico-burocratico

Para dar aos trabalhadores a ilusão de que participam da administração e do governo da coisa publica, o Estado vem se transformando, em todas as partes, em órgão "técnico-burocratico", através dos seus organismos sindicais e autarquias.

E' o que se passa nos Estados Unidos. Na França revela-se através da ditadura dos partidos, das nacionalizações, da criação do Estatuto dos funcionários publicos e da polícia.

- LIVROS QUE RECOMENDAMOS "Proudhon" — (Su vida y su correspondencia) — Casainte Cr\$ 35,00 "Malatesta" — (Su vida y su pensamiento) — Luigi Fabbrì Cr\$ 35,00